

O GEARTE e a formação de professores da Educação Infantil do Rio Grande do Norte

Gilvânia Maurício Dias de Pontes 

(Universidade Federal do Rio Grande do Norte — UFRN, Natal/RN, Brasil)

RESUMO — O GEARTE e a formação de professores da Educação Infantil do Rio Grande do Norte — O artigo trata de alguns pressupostos assumidos pelo grupo Arte e Infância (UFRN) para organização de vivências de formação de professores da Educação Infantil para o trabalho com artes visuais, contemplando a influência do GEARTE – Grupo de Pesquisa em Educação e Arte (UFRG) na delimitação das escolhas teóricas e definição de percursos durante as práticas de formação.

PALAVRAS-CHAVE

Educação infantil. Artes visuais. Formação docente.

ABSTRACT — GEARTE and the training of teachers of Early Childhood Education in Rio Grande do Norte — The article deals with some estimated assumptions by the group “Art and Childhood” (UFRN) to organizing experiences of teachers of Early Childhood Education’s formation in the work with visual arts, contemplating the influence of GEARTE - “Research Group in Education and Art” (UFRG) in delimitation of theoretical and definition choices of pathways during training practices.

KEYWORDS

Early Childhood Education. Visual arts. Teacher Training.

RESUMEN — GEARTE y la formación de profesores de Educación Infantil en Rio Grande do Norte — El artículo aborda algunos supuestos del grupo Arte e Infância (UFRN) para la organización de experiencias de formación de docentes de educación inicial para el trabajo con artes visuales, contemplando la influencia de GEARTE – Grupo de Pesquisa em Educação e Arte (UFRGS) en la delimitación de elecciones teóricas y definición de caminos durante las prácticas formativas.

PALABRAS-CLAVE

Educación infantil. Artes visuales. Formación de profesores.

Introdução

O artigo é tecido a partir de reflexões sobre a construção da proposta de formação de professores da Educação Infantil desenvolvida pelo grupo de pesquisa Arte e Infância (UFRN) em projetos de extensão, contemplando interfaces com estudos realizados no GEARTE – Grupo de Pesquisa em Educação e Arte (UFRGS).

A formação docente para educação infantil, com foco no trabalho com artes visuais, demanda que sejam observadas as interfaces entre a Pedagogia e a área de Arte. Essa formação, ainda, carece de investimentos e pesquisas que se façam refletir em práticas que possibilitem o acesso das crianças a conteúdo cultural da Arte e ao desenvolvimento de linguagens na infância. Uma importante característica do campo da Pedagogia é pensar o fazer docente como intencional e direcionado para organização de processos educativos, também com as linguagens das artes a intencionalidade educativa precisa ser observada. Para tanto, o acesso às especificidades da Arte/Educação e do ensino das artes na Educação Infantil deve ser favorecido aos docentes, na formação inicial e continuada.

Ao observar as lacunas na formação do docente de educação infantil no que diz respeito ao ensino das artes fica evidente a necessidade de lançar olhares para a formação de estudantes nos cursos de graduação em Pedagogia, assim como para a formação continuada daqueles que já atuam como profissionais nesta etapa da educação. Diante dessa constatação o grupo de pesquisa Arte e Infância, vinculado ao Núcleo de Educação da Infância, Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (NEI/Cap/UFRN), vem propondo eventos que tematizam o trabalho com o ensino das artes visuais na Educação Infantil desde o ano de 2017. Esse grupo, atualmente, é composto por professores do NEI/Cap/UFRN conta com a participação de professores da rede pública

municipal de Nata/RN e estudantes dos cursos de Pedagogia e Licenciatura em Artes Visuais da UFRN.

Os atravessamentos da construção de um grupo são, especialmente, afetivos. Nesse caso o “afeto” está marcado pelas possibilidades de diálogos e pelo acolhimento do GEARTE. A história do surgimento do Arte e Infância está imbricada com a formação no GEARTE, grupo que marca a minha história como professora, antes mesmo que eu o conhecesse de perto. O acesso às publicações de algumas pesquisadoras do GEARTE contribuiu para orientar a organização do meu percurso docente e escolha pelos enfoques das pesquisas. O encontro mais próximo com o GEARTE ocorreu durante o curso de Doutorado em Educação pelo PPGEdu/UFRGS (2009-2013) e estágios pós-doutoral (2018-2019), ambos sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Analice Dutra Pillar. Entre o final do Doutorado e o estágio de pós doc. a realização de pesquisas e movimentos de formação de professores no RN serviram de motivos para o surgimento do grupo pesquisa Arte e Infância. Esse artigo intenciona tratar de algumas relações estabelecidas nesses percursos que repercutiram na organização de projetos de formação para professores no RN.

As pesquisas, o GEARTE e a formação de professores

Na pesquisa de Doutorado abordei saberes e práticas da dimensão estética da educação da infância, a partir da leitura de memoriais de formação escritos por professores como trabalho final do curso de especialização em Ensino de Arte e Educação Física na Infância (PONTES, 2013). No processo de investigação e escrita da tese foi possível adensar referenciais e opções teórico/práticas com relação à formação de professores da infância para o trabalho com as linguagens das artes visuais. A hipótese de investigação de que as experiências estéticas dos professores, vivenciadas ao longo da vida, reverberava nas suas práticas docentes levou a produção de caminhos que são observados na proposição de situações de formação docente pelo grupo Arte e Infância.

No início da pesquisa institucional “Artes Visuais e práticas docentes na educação infantil” (2017), que teve como objetivo elencar organizadores das práticas pedagógicas como as linguagens das artes visuais no NEI/Cap/UFRN, a equipe composta por professoras do NEI e estudantes de graduação da UFRN, fez duas constatações: 1- apesar de existirem práticas intencionais voltadas para o ensino das artes, não havia registro escrito do trabalho docente que tematizasse, especificamente, o ensino das artes; 2- a própria equipe de pesquisa e os demais docentes do NEI apontavam para a necessidade de retomar a formação direcionada para área de artes na Educação Infantil. Para atender a essas demandas apontadas foi organizado o projeto de extensão “Artes visuais na Educação Infantil: processos de formação de mediadores na escola da infância”, estruturado em dois eixos: oferta do curso de aperfeiçoamento em Artes Visuais na Educação Infantil e inserção de estudantes em turmas de crianças para o desenvolvimento de projetos com as linguagens das artes visuais, com a orientação das professoras da sala de referência. O processo de formação desencadeado pela pesquisa se desdobrou em vários projetos de extensão, desenvolvidos dos anos seguinte até o presente, como também possibilitou a pesquisa “Artes visuais na Educação Infantil: processos de formação de mediadores na escola da infância” desenvolvida durante o estágio pós-doutoral, sob a supervisão da Prof.^a Dr.^a Analice Dutra Pillar, líder do GEARTE. A pesquisa inicial foi constituída por três etapas: 1- realização de cursos e eventos de formação em artes visuais na Educação Infantil e inserção de estudantes em turmas de crianças, para abordagem o desenvolvimento de projetos com as artes visuais; 2 - No estágio de pós- doutorado, o foco foi tratar da mediação docente a partir da análise documental do material produzido durante intervenção das estudantes com em uma turma de crianças; 3- Etapa que diz respeito às conclusões da pesquisa e divulgação dos resultados.

Dos estudos realizados nas pesquisas referidas anteriormente, alguns conceitos/princípios passaram a nortear os movimentos de formação em projetos de extensão do grupo Arte e Infância, entre eles mediação docente e experiência estética.

Mediação em processo interativos

A abordagem da intencionalidade educativa, considerando como ação do docente para possibilitar às crianças o acesso aos saberes/fazeres da área de Arte implica em questionar os processos de mediação. A palavra “mediação” tem sido foco de diferentes abordagens nas discussões sobre Arte e Educação. Expressões como, mediação cultural, mediação pedagógica e mediação semiótica, nos ajudam na aproximação aos significados que se tem atribuído a esse termo. Mas, não se trata de palavra que remete a um conceito fixo, explicável por si mesmo, para acessá-lo é necessário tratar de interações. Interações que são contextuais e podem indicar sentidos específicos para a palavra. Trata-se de uma palavra que comporta processos, é preciso perceber, descrever e analisar os movimentos que os constituem para entender as redes de intencionalidades que caracterizam a mediação. Esse movimentos são mobilizados por sujeitos que significam o ato pedagógico de forma particular, mas em interação com outros.

Mediação como ação de se pôr em meio a algo. Mediar como atuar produzindo intervenções que instiguem interações para estabelecer o caminho entre lugares, ou entre dimensões do conhecimento. Mediar como ação de interceder, intervir como mediador para construção do olhar leitor das crianças para o mundo.

Mediar para aproximar, favorecer o acesso a algo, requer a investigação sobre as intencionalidades e movimentos investidos no ato de mediar. Faz-se necessário tratar de construções de interações entre pessoas, entre pessoas e objetos, entre pessoas e ambientes pessoas e conteúdos culturais para delinear de qual mediação estamos tratando ao falar de práticas docentes para o ensino das artes na educação infantil.

Mediação: diálogo com o mundo

Paulo Freire em seu clássico *Pedagogia do Oprimido* ao tratar de dialogicidade na educação afirma que, “ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 2017, p. 108). O homem é leitor do mundo que retorna a ele diferente quando revisitado pelo diálogo. A leitura de mundo requer interação com outros para reflexão sobre o que se lê, essa é para Freire a condição humana para construção de conhecimentos. “Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar” (FREIRE, 2017, p. 108). Acrescenta o autor, que o diálogo não se esgota na relação eu-tu, diálogo como encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, é sempre criativo. Há no diálogo, como proposto por Paulo Freire, a consideração da circularidade de saberes, expressa na fala compartilhada que constitui a comunicação. Os sujeitos pronunciam o mundo em interação.

Na educação infantil o diálogo entre adultos e crianças é estruturante do ato pedagógico quando da consideração das formas de expressão das crianças para o planejamento e encaminhamento das experiências. As crianças como sujeitos em diálogo dizem de suas experiências e aprendizagens e anunciam desejos do que querem conhecer. Suas colocações são fundamentais para o planejamento das vivências que podem ser significativas e se transformar em experiências.

A consideração do ato pedagógico em sua dimensão fenomenológica está presente na obra de Freire quando aponta o diálogo como processo criativo de produção de sentido para as coisas do mundo que ocorre na interação entre sujeitos inacabados. Inacabado também o é o conhecimento sobre o mundo, do qual o homem é parte. Homem e mundo compreendidos a partir de sua facticidade e da relação indissociável entre o pensar e o agir.

A concepção de construção de conhecimento em relação com as coisas do mundo, presente na obra de Paulo Freire, é compartilhada por Merleau-Ponty quando afirma em sua obra a interação do sujeito no e com o mundo. A opção de Freire por uma perspectiva de formação e atuação social em que as pessoas são consideradas com sujeitos de seu processo de aprendizagem e de suas práxis, se pauta pela relação entre pensar e existir, como o fizera Merleau-Ponty ao explicitar os princípios do que defendia como Fenomenologia (MERLEAU- PONTY, 1999). Para Merleau-Ponty e para Freire o homem reaprende a ver o mundo quando atua sobre e com o mundo vivido.

Jorge Larrosa retoma as indicações de Paulo Freire sobre um educação dialógica para afirmar que a escola exerce o ofício de mediação do mundo quando presentificam as coisas através de suas representações. Ao apresentar às pessoas o mundo em imagens, a escola oferece ao leitor a distância e o tempo necessário para mirar e admirar o que se lê.

Citando Hannah Arendt, Larrosa faz a defesa da educação como relacionada a um duplo amor, às crianças e ao mundo. À escola cabe tornar presente o mundo para as novas gerações. Para tanto se faz necessário criar situações de atenção às coisas do mundo, situações em que se possa admirar o mundo. O autor apresenta três tipos de relações com as coisas: comer, usar e mirar. O primeiro tipo refere-se ao consumo que ocorre em uma sociedade estruturada pela fome; no segundo tipo de relação, e uso, as coisas se transformam em instrumentos ou ferramentas; no terceiro tipo de relacionamento, com as coisas de mirar, há uma interação com o que se vê do mundo por admiração. A escola transforma o mundo em coisas de mirar, de admirar.

Para tratar, diretamente, de mediação Larrosa se refere à obra de Maria Zambrano, que defende a ideia de caminho como realidade mediadora. Em referência a Zambrano, naquilo que ela traz sobre a constituição de um mestre,

Larrosa afirma a mediação como acesso à cultura e faz relação com a especificidade do ofício do mestre, afirmando que,

Toda cultura é mediação (exige presença de “formas” de mediação) e, por isso quando uma cultura entra em crise, o que primeiro se percebe é “a crise da mediação em todas as suas formas”, entre elas aquelas que ocorrem na escola, nessa forma particular de mediação e para a mediação que é a escola (LARROSA, 2018, p. 191).

A constatação de que a crise de mediação se instaurou também na escola conduz o autor para construção de um elogio à escola, e discussão sobre o papel do mestre. Larrosa está se referindo às especificidade das relações que se estabelecem e produzem a identidade das situações educativas na escola e da importância do gesto docente nessa relação. A especificidade do fazer do mestre é produzir formas de mediação, instauradas por sua presença. Essa presença se faz através da arteficialidade de palavras e silêncios – “dando sua palavra, o mestre abre o diálogo e se converte, portanto em artesão do diálogo”. O mestre dá a sua palavra à materialidade com a qual trabalha, traz a presença o repertório cultural.

O mestre, poderíamos dizer, dá uma palavra que não é a sua. E isso porque o que faz com sua palavra é que seja o mundo aquele que fale, que seja matéria de estudo aquela que diga alguma coisa. De certo modo tanto a palavra do mestre quanto a dos alunos só tem sentido se fazem falar a relação que cada um deles tem com a matéria e, através dela, com o mundo (LARROSA, 2018, 194).

Assim, o mestre dá seu corpo à palavra de outrem, traz à luz a palavra cultura e matéria que instiga o estudo, a investigação sobre ela. O mestre cria tempos e espaços para que a palavra se torne presença.

Na organização e desenvolvimento do trabalho com crianças se fez necessário atentar para a construção de conhecimento em diálogo, em que adultos e crianças tenham lugar de fala. As narrativas das crianças são consideradas como fundantes dos seus processos de aproximação ao mundo, essas são produzidas quando da sua interação com outros, com a cultura em situações significativas que desencadeiem processos educativos que as façam ampliar seus repertórios de

leitura e expressão. Para tanto, neste caso, os processos de mediação são produzidos na interação entre crianças e adultos em determinado espaço e tempo.

Tecendo os fios da formação

Quando da organização das práticas na educação infantil o (a) docente está às voltas com o desenvolvimento infantil em múltiplas linguagens, entre as quais as linguagens artísticas. Mesmo que não tenham tido, na formação inicial, o acesso aos referenciais que abordam a Arte/Educação e o ensino das artes, atuam em meio a esses saberes e fazeres por demandas do atendimento à infância. As linguagens das artes estão presentes na interação das crianças com a cultura e em sua ação no mundo. As crianças brincam, cantam, desenham e vivenciam jogos simbólicos, como forma de comunicação e expressão para se constituir como humanos, fazem isso em variados ambientes. O que diferencia as formas de presença das linguagens das artes nas unidades de educação infantil é que ali, enquanto a criança interage com o entorno, vivenciando ludicamente linguagens, o docente precisa ter um olhar sensível para essa interação e pensar a intencionalidade das situações que ampliem o repertório de leitura das artes e fazer linguageiro das crianças.

As linguagens das artes se presentificam na infância, sempre de forma integral e multifacetada, tendo o corpo com mediador de significação. Diante desse pressuposto o grupo Arte e Infância têm como foco as linguagens das artes visuais em interfaces com outras linguagens. As crianças são seres que estão construindo formas de interação no e com o mundo por meio de múltiplas linguagens. A integralidade da ação da criança é ponto de partida para organização de práticas na Educação Infantil e, por conseguinte, é de onde deveria se originar a delimitação do currículo das unidades de educação infantil.

O grupo de pesquisa Arte e Infância toma o cotidiano da Educação Infantil e o movimento das produções de práticas docentes como base para organizar as situações de formação em projetos de extensão. O entrelaçamento entre ensino,

pesquisa e extensão marca o modo de atuação do grupo, uma metodologia para abordagem dos processos de formação de professores da Educação Infantil que prevê intercâmbios entre os docentes do NEI/Cap/UFRN e os professores das redes públicas. Os interesses de pesquisa surgem da observação das práticas com crianças no NEI e são socializados com docentes de outras instituições em eventos de extensão. Atuar em interação com crianças, refletir sobre os caminhos da mediação docente e compartilhar essa reflexão com professores de outras instituições são fios para tecer redes de formação, que não estão acabadas e caminham ao encontro de outros fios, tecidos por sujeitos diversos em diferentes contextos.

O diálogo

Nas situações de formação o repertório de saberes e fazeres de cada sujeito, em interação com outros, possibilita a reflexão e significação para o ensino das artes na educação infantil. Ao tratar das práticas pode ocorrer o reconhecimento de intencionalidade já existentes, assim como o questionamento e transformação que podem mobilizar a produção de novas maneiras de atuar, por vezes com intencionalidades diferentes. Para tanto, as experiências estéticas e artísticas dos docentes são tematizadas como parte importante de sua formação. Tais experiências postas em relação às práticas, num sensível exercício de reflexão, podem apontar possibilidades e lacunas de formação, que são elencadas e compartilhadas no coletivo. As crianças, apesar de não participarem das rodas de conversas entre docentes, são o foco que alimenta o diálogo. Trata-se de um olhar freiriano para os processos de formação tendo como referência uma pedagogia da alegria e da boniteza na construção de espaços educativos em que ensinar e aprender fazem parte do mesmo processo de humanização em que educadores são, ao mesmo tempo, educandos e educandos são, também, educadores. Exercícios de uma pedagogia relacional e de circulação de saberes na qual o repertório de experiências é considerado como fundamental para que os processos de significação da prática se coloquem em curso. Formação singular,

dado que cada sujeito interage de maneira própria; e coletiva, porque ocorre em situações de interação com pares, desafiados a pensar sobre a abordagem das artes na educação infantil em seus contextos de atuação.

Estética em experiências

As experiências estéticas vivenciadas por docentes em ambientes formais e não formais, os constituem como leitores da arte e da estética do seu entorno e marca seus posicionamentos quando da organização da prática docente (PONTES, 2013; 2019). Na proposta do Arte e Infância a formação estética é observada a partir das experiências narradas, que são retomadas como disparadores para pensar na constituição cultural e a intencionalidade pedagógica ao propor vivências com as artes visuais para crianças. Nas narrativas das experiências fica aparente os repertórios e é possível estabelecer relações entre estes e as escolhas que são feitas para mediar o acesso das crianças às linguagens das artes visuais.

Estética como aisthesis que significa acessar o mundo pelos sentidos. A formação estética envolve dimensões de estar no mundo que não se estão restritas ao campo das artes. Como fundamentação teórica optamos por autores como Dewey (2010), Merleau-Ponty (1999) e Greimas (2017) que se debruçam sobre o conceito de experiência estética considerando as relações que o sujeito estabelece em seu contato significativo no e com o mundo. Dewey aborda a experiência estética buscando relações entre o pensar e o agir. Merleau-Ponty, ao enfocá-la questiona a fragmentação entre corpo e mente. Greimas toma como referência a fenomenologia de Merleau-Ponty para inserir o sujeito em processos de significação estética/estésica (PONTES, 2013).

Para Dewey (2010) a arte é vivida como experiência que envolve as ações de ver e fazer, também encontradas em outros campos de atuação humana. A concepção de experiência estética em Dewey leva em consideração essa amplitude de ambiência e está associada à dimensão educativa. O continuum

experiencial possibilita que uma experiência esteja interligada à outras, gerando hábitos que recuperam experiências passadas e influenciam as futuras, por essas características a experiência é educativa. Nos exercícios de reflexão, propostos a formação organizada pelo Arte e Infância, experiências estéticas/educativas dos docentes se tornam importantes disparadores para pensar a organização das práticas com crianças da Educação Infantil. A formação ao longo da vida, que é estética/educativa, pode ser abordada como um continuum de experiências no qual a prática docente pode se inserir.

No processo de rememoração de experiências e proposição de novas vivências aos professores de Educação Infantil, as dimensões de acesso à arte apresentadas pela Abordagem Triangular (BARBOSA, 2009) são constituidoras de possibilidades para atuação dos docentes. Ler/contextualizar/fazer como ações entrelaçadas, são vivenciadas pelos docentes quando diante dos repertórios das Artes. Antigos repertórios postos em reflexão e novos repertórios vislumbrados como disparadores da leitura estética e da organização intencional das situações de ensino/aprendizagem com crianças. O já conhecido e o novo colocados em diálogo para significar a prática docente.

As temáticas dos eventos de formação

Os *diálogos com artes visuais na infância*, nome que o atribuímos aos eventos de extensão do grupo Arte e Infância entre 2020 e 2022, são realizados com a mediação de professores do NEI/CAp/UFRN, contando com a participação de um público constituídos por professores das redes públicas do RN e estudantes de graduação. O objetivo principal da formação de professores para o ensino das artes visuais é permanente, mas as temáticas abordadas assumem especificidades de acordo com os movimentos das práticas. Durante o período de pandemia do Covid 19 as temáticas giravam em torno do protagonismo infantil e garantia dos direitos de aprendizagem das crianças no ensino remoto. A relação ente infâncias, artes visuais e tecnologia digital fez parte das discussões nesse

período, assim como a discussão sobre práticas inclusivas com linguagens artísticas para crianças com NEE – Necessidade Educativas Especiais. Atualmente, em 2022, as interações, presenciais, entre crianças e adultos suscitaram outros temas: desenvolvimento do grafismo, tema de pesquisa povos indígenas na educação infantil, estética o trabalho com bebês, arte e matemática, entre outros. Para organizar os momentos de diálogo os docentes do NEI refletem sobre o seu fazer e sobre as formas de comunicação das práticas. Essa reflexão tem originado interesses por novos estudos e pesquisas, que quando colocados em diálogo com as experiências de sujeitos que atuam em outros contextos se ampliam e ganham outros contornos.

Referências

- BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte*. 7 ed. rev. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *EAD Freiriana: curso Paulo Freire e a Educação Popular*. Módulo 1, Videoaula 5- Nós, os Humanos – Seres de Educação – Parte 1. Instituto Paulo Freire, 2021.
- DEWEY, John. *Arte como experiência*. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 56 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 64 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Da Imperfeição*. Tradução de Ana Claudia Oliveira. 2 ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores: CPS, 2017.
- LAROSSA, Jorge. *Esperando não se sabe o quê: sobre o ofício do professor*. Tradução Cristina Antunes. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- PONTES, Gilvânia Maurício Dias. *Arte na educação da infância: saberes e práticas da dimensão estética*. 2013. (Tese) Doutorado em Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.
- PONTES, Gilvânia Maurício Dias. *Relatório de estágio pós-doutoral: artes visuais na educação infantil: processos de formação de mediadores na escola da infância*. 2019. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

Gilvânia Maurício Dias de Pontes

Professora Titular da UFRN lotada no Núcleo de Educação da Infância (NEI/Cap/UFRN). Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), na linha de Pesquisa: Arte, Linguagem e Currículo. Defendeu tese sobre as experiências estéticas na formação de professores da infância. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), com pesquisa sobre as dimensões da arte na Educação Infantil. Especialista em



Administração Educacional pela UFRN.). Realizou estágio pós-doutoral no Departamento de Ensino e Currículo da Faculdade de Educação da UFRGS, desenvolvendo estudos sobre a mediação docente e a abordagem das artes visuais na Educação Infantil. Tem experiência com formação de professores no campo da Arte/Educação, Educação Física e infância. Participa do Grupo de Pesquisa em Educação e Arte - GEARTE (UFRGS); coordena o Grupo de Pesquisa de Arte e Infância (UFRN).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9584-5409>

E-mail: gilvaniapontes@hotmail.com

Currículo: <http://lattes.cnpq.br/2536072255193237>

*Recebido em 15 de setembro de 2022
Aceito em 10 de novembro de 2022*

